

2

TECNOLOGIA EM PROCESSOS GERENCIAIS
MÉTODOS PARA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
O SENSO COMUM



2

MÉTODOS PARA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO O SENSO COMUM



OBJETIVOS DA UNIDADE DE APRENDIZAGEM

Ao final da UA o aluno deverá ser capaz de, reconhecer a importância das experiências do cotidiano para a produção de conhecimento, considerando a necessidade de uma pesquisa e demonstrações sistematizadas, para objetivos científicos e tecnológicos.



COMPETÊNCIAS

O aluno deverá identificar os conhecimentos produzidos socialmente, valorizando-os e buscando a sua superação através dos elementos que o estudo sistemático proporciona.



HABILIDADES

O aluno deverá iniciar o seu interesse pela construção sistemática de seus conhecimentos.

APRESENTAÇÃO

O senso comum também chamado de conhecimento empírico, diz respeito ao cotidiano, às nossas crenças, às verdades pragmáticas, à sabedoria popular.

Na sabedoria popular encontramos inúmeros ditados os quais recorreremos nas horas difíceis e mesmo nos momentos em que precisamos de uma explicação simplificada e ao mesmo tempo profunda.

Nesta Unidade de Aprendizagem discorreremos mais amiúde sob o assunto, e assim você terá maior clareza sobre esse tipo de conhecimento, que é muito importante, entretanto possui limitações pela ausência da comprovação científica.

PARA COMEÇAR

Esperamos que a partir da UA anterior, você tenha se dado conta de como o conhecimento é fundamental nas nossas vidas e que, quase sempre conhecemos sem perceber como isso se dá, quase sempre assimilando informações sem muitos questionamentos porque a praticidade do dia a dia assim exige.

Ao longo dessa caminhada você poderá levantar hipóteses e testar a sua capacidade reflexiva. Para esse curso que você está fazendo é muito importante que você considere a relevância dos seus conhecimentos prévios e espero que você tenha percebido que não são poucos e nem desprezíveis.

É sobre essa experiência cotidiana de conhecimento, que nem sempre sabemos explicar e definir, que abordaremos nessa UA: o senso comum.

FUNDAMENTOS

Você poderá encontrar estudos que têm conhecimento popular como sinônimo de senso comum. É o caso de Lakatos e Marconi (1911) quando, de maneira resumida, descrevem as características do conhecimento popular ou senso comum da seguinte forma:

- **Acrítico** - verdadeiros ou não, a pretensão de que esses conhecimentos o sejam não se manifesta sempre de uma forma crítica.
- **Assistemático** - a organização da experiência não visa a uma sistematização das ideias, nem da forma de adquiri-las nem na tentativa de validá-las.
- **Sensitivo** - referente a vivências, estados de ânimo e emoções da vida diária.
- **Subjetivo** - é o próprio sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos.
- **Superficial** - conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas.

Nessa Unidade de Aprendizagem vamos prestar mais atenção nos fundamentos dessa caracterização, aprofundando conceitos sobre o senso comum que não pode ser avaliado sem se considerar a sua relação com outras formas de conhecimento.



ATENÇÃO

O senso comum refere-se àquelas ideias elaboradas no cotidiano, aceitas por boa parte das pessoas, que se tornam até naturais e chegamos a acreditar que são eternas.

O senso comum se manifesta nos conselhos da mãe ao sairmos de casa, na maneira como reagimos a gestos e palavras das pessoas, nas explicações tão simples do dia a dia que nem paramos para pensar de onde elas vêm. De maneira assistemática, traduz verdades que são úteis para as mais variadas situações. São quase sempre preceitos que indicam atitudes desejáveis ou indesejáveis.



ATENÇÃO

O senso comum é conhecimento que se produz a partir das nossas experiências e das experiências dos outros ao longo do tempo, de tal forma que não temos consciência de suas origens.

Uma fórmula que expressa bem como o senso comum funciona em nossas vidas é o provérbio ou ditado popular. Mas pense um pouco. A oralidade e a tradição, ao longo da história da humanidade foram sendo incrementadas por observações mais sistemáticas, mais demonstráveis e seguras. Você não precisa conhecer os princípios ativos presentes no *guaco*, conhecida erva medicinal, para tomar um chá e se sentir aliviado com as tosses.

Porém, é o conhecimento sistematizado e demonstrável sobre os princípios ativos dessa planta que permitiu que pudéssemos adquiri-la em qualquer farmácia, associada com outros elementos medicinais, como o própolis.

Esse tema será ampliado em nossas próximas UAs: as diferentes formas de conhecimento. Uma delas você já sabe e pode confiar nela como ponto de partida: o senso comum.

Na UA anterior, você teve a oportunidade de saber o significado de *episteme*. Retomando aquela discussão, lembramos que este termo pode ser traduzido por ciência ou conhecimento.



ATENÇÃO

Historicamente, o termo **episteme** foi sendo associado ao conhecimento demonstrável e sistematizado a que chamamos conhecimento científico. Platão já fazia distinção entre **episteme** e **doxa**. **Doxa** seria o saber popular, ainda não formalizado pela **episteme**. A **doxa** relaciona-se à opinião. A **episteme** constrói conceitos. Dentro dos limites da nossa UA, podemos afirmar que **doxa** (opinião) fundamenta o senso comum. (COLEÇÃO OS PENSADORES, 1975)



CONCEITO

Tanto Locke (1632-1704) quanto Hume (1711-1776) partem do princípio de que as nossas ideias são originárias das nossas

impressões, isto é, dos dados empíricos. David Hume é um autor bastante controverso que destaca a importância do hábito mesmo nas explicações ditas científicas.

Immanuel Kant, filósofo alemão do século XVIII, considerava que todo o conhecimento humano começa com intuições, passando daí aos conceitos e terminando com ideias. Há pensadores racionalistas como René Descartes que entendem o conhecimento como fundamentalmente inato e *apriori* (COLEÇÃO OS PENSADORES, 1975).

Pensador fundamental para o pensamento científico. René Descartes (1596-1650) é autor da célebre frase, “Penso, logo existo”. É responsável pela elaboração de preceitos metodológicos que fundaram a ciência moderna.

Mas também há os empiristas como David Hume e John Locke que afirmam que a experiência é a base de todo conhecimento e as ideias nascem, obrigatoriamente, dos hábitos e experimentações ao longo da vida. De qualquer forma, não é possível negar que não precisamos de grandes reflexões a cada passo que damos e boa parte do que conhecemos refere-se a crenças não necessariamente comprovadas (PENSADORES, 1975).

O senso comum também chamado de conhecimento empírico, como você já sabe, diz respeito ao cotidiano, às nossas crenças, às verdades pragmáticas, à sabedoria popular.

Na sabedoria popular encontramos inúmeros ditados que resgatamos da memória da nossa infância, as quais recorreremos nas horas difíceis e mesmo nos momentos em que precisamos de uma explicação simplificada e ao mesmo tempo profunda. Quem nunca ouviu ou falou os ditados populares citados abaixo:

- A pressa é inimiga da perfeição;
- Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come;
- Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura;
- Águas passadas não movem moinho;
- Antes só do que mal acompanhado;
- Uma andorinha só não faz verão;
- Antes tarde do que nunca;
- Deus ajuda quem madruga.

O senso comum, via de regra, não se detém nas causas dos acontecimentos, respondendo simplesmente a seus efeitos. Através do senso comum, percebemos que onde há fumaça, há fogo. Mas para sabermos a origem desse fogo, é necessária verificação para superarmos a ingenuidade ou a ignorância inicial.

Os autores que têm escrito sobre métodos de produção de conhecimento e a sua relação com a sociedade e suas transformações têm buscado diferentes formas de caracterizar o senso comum. Citemos, por exemplo, as reflexões de Martins (1998 p. 3-4):

O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. Além disso, não há possibilidade de que os participantes da interação se imponham significados, já que o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos. A significação da ação é, de certo modo, negociada por eles.

Faz parte do senso comum não a banalização, mas a experimentação dos sujeitos e mais do que isso: compartilhamento destas experimentações e negociações quanto aos diferentes significados dados a essas experimentações.

Sem significado compartilhado, afirma Martins (1998), não há interação, ou seja, é necessário procurar no senso comum essa rede de interações e negociações que dizem à lógica dessa forma de visão do mundo, experienciável coletivamente e fundamental na construção de formas sistematizadas de produção de conhecimento.

O conhecimento adquirido através do senso comum permite a solução de problemas imediatos e não requer planejamento. É produzido de maneira espontânea e instintiva. Ele é muito útil para iniciar em estudos mais profundos.

O potencial do senso comum, a espontaneidade, também estabelece seus limites. Para Michel Porter (2005), o pensamento estratégico, essencial para a construção de processos gerenciais, raramente ocorre de forma espontânea. Isso quer dizer que, num ambiente corporativo, o senso comum, para que seja fundamento de uma ação estratégica deve passar por um processo de gestão das informações e práticas cotidianas.

É preciso, portanto, discutir sobre os limites do senso comum, o que não significa minimizar a sua importância. Souza Santos (1987, p. 21)

ao levar a sério a análise dos limites e possibilidades do senso comum considera que:

O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder quotidiano da vida. O senso comum aceita o que existe tal como existe; privilegia a ação que não produza rupturas significativas no real. Por último, o senso comum é retórico e metafísico; não ensina, persuade.

Deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade.



ANTENA PARABÓLICA

Preste atenção no seu dia a dia: quanto você recorre ao senso comum para conversar com alguém, para tirar conclusões apressadamente, para resolver problemas que aparecem de maneira inesperada. Perceba quanto a sua intuição, os sentidos, os hábitos familiares e a opinião da maioria interferem nas suas decisões cotidianas.



E AGORA, JOSÉ?

Nessa Unidade trabalhamos um tipo de conhecimento eminentemente prático que, mesmo postulando algumas situações abstratas, parte do concreto, do vivido, das primeiras impressões acerca das coisas.

Mas para questões relativas à vida e à morte, a existência como um todo, à nossa essência corporal e espiritual?

Embora o senso comum expresse ideias sobre isso, o aprofundamento para essas questões se dá no nível teológico e filosófico, como veremos na Unidade seguinte.



ATIVIDADES

Nessa UA você estudou um tema de relevância, forneceu-lhe subsídios para as futuras produções científicas, pois os assuntos abordados fornecem informações importantes, no que diz respeito ao conhecimento de senso comum, que não pode ser avaliado sem se considerar a sua relação com outras formas de conhecimento que serão abordados nas próximas UAs.

Então, antes de seguir para a próxima UA, é muito importante fazer os exercícios propostos, bem como participar do *Fórum*.

Mãos à obra!

GLOSSÁRIO

A priori: expressão em latim que significa antes, antecipadamente. Diz respeito ao conhecimento que se tem, sem passar por algum tipo de experiência.

Empírico: tudo que se refere à empiria. Empiria é uma palavra latina que quer dizer experiência.

Empirismo: teoria do conhecimento que interpreta a origem das nossas ideias e dos nossos conhecimentos a partir da experiência

Racionalismo: teoria do conhecimento que interpreta a origem de nossas idéias e dos nossos conhecimentos, inicialmente, a partir da

nossa capacidade de pensar, havendo conhecimento que são inatos.

Verdade pragmática: é comum que consideremos verdade aquilo que funciona, mesmo que essa verdade não possa ser comprovada de imediato. A verdade pragmática nasce da observação, do hábito e da percepção que temos da relação entre um fenômeno e outro. Por exemplo: sabemos que depois do relâmpago vem o trovão, mas só cientificamente conseguimos explicar este fato.

REFERÊNCIAS

COLEÇÃO OS PENSADORES. São Paulo, Abril Cultural, 1975.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e os princípios da moral**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAKATOS, E., MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARTINS, J. S. **O senso comum e a vida cotidiana**. *Revista Tempo Social*. São Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998.

PORTER, M. E. **Estratégia Competitiva**. São Paulo, Campus Ed., 2005.

SOUSA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Ed. Afrontamento, 1987.